

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

Raphaella Gomes de Lima

O NEW JOURNALISM:

Análise do padrão das produções do gênero jornalístico

**Juiz de Fora
Julho de 2016**

Raphaella Gomes de Lima

O NEW JOURNALISM:

Análise do padrão das produções do gênero jornalístico

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social – Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra.

**Juiz de Fora
Julho de 2016**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Lima, Raphaella Gomes de.

O NEW JOURNALISM: Análise do padrão das produções do gênero jornalístico / Raphaella Gomes de Lima. -- 2016.

52 p.

Orientador: Márcio de Oliveira Guerra

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social, 2016

1. New Journalism. 2. Jornalismo. 3. Literatura. 4. Capote. 5. Talese. I. Guerra, Márcio de Oliveira, orient. II. Título.

Raphaella Gomes de Lima

O NEW JOURNALISM:

Análise do padrão das produções do gênero jornalístico

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra.

Aprovado (a) pela banca composta dos seguintes membros:

Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra (UFJF) – Orientador.

Prof. Dr. Boanerges Balbino Lopes Filho (UFJF) – Convidado.

Prof. Ms. Ricardo Bedendo (UFJF) – Convidado.

Conceito Obtido: _____.

Juiz de Fora, _____ de _____ 2016.

Dedico este trabalho a minha família,
que sempre foi meu alicerce, meu
refúgio nos momentos mais difíceis da
vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, aos meus pais, Roseli e Antonio Carlos, por me darem a vida; também por dedicarem a mim toda a educação, valores, sabedoria e apoio incondicional em todos os momentos bons e ruins da minha vida.

À minha irmã Joseane, que nunca me deixou desistir de correr atrás dos meus sonhos, sempre me empurrando para frente com palavras de apoio e conselhos certos.

Ao meu cunhado Hugo, por ter se tornado um irmão. Me incentivando a persistir; e também pelas caronas oportunas.

Agradeço ao meu orientador Dr. Márcio Guerra, por ter aceitado entrar nessa jornada comigo.

Aos professores que tive ao longo da vida, sem os quais não teria obtido todo o conhecimento e pensamento crítico que me fizeram chegar até aqui.

Aos amigos e pessoas especiais que conheci, Ana Cláudia, Igor, Luciana, Laryssa, Helena e Luciano, que me agregaram novas experiências e diferentes visões de mundo.

Agradeço a minha turma de Faculdade, por também mostrarem novos pontos de vista e por todas as discussões em sala.

Em especial, gostaria de agradecer a minha Quadrilha Jornalística, Alessandra, Ana Paula, Cecília e Vitor. Obrigada por me aguentarem durante a Faculdade, pelas risadas e apoio nos momentos difíceis. Amo vocês.

Agradeço a todos e todas que me ajudaram, mesmo que indiretamente, a chegar onde cheguei.

“Você nunca será mais feliz do que você espera. Para alterar a sua felicidade, mude sua expectativa”.

Bette Davis

RESUMO

Este trabalho visa analisar a produção do New Journalism e como ela se dá; ainda se a produção do livro “A Sangue Frio” retrata toda a forma de produção desse estilo (se há um padrão na produção e nas obras), em comparação ao perfil de Frank Sinatra feito por Gay Talese. As investigações acerca dessa monografia se dão no objeto de análise do livro “A Sangue Frio”, em contraponto ao perfil de Frank Sinatra. O livro foi escolhido como objeto por retratar a narração de um fato - o assassinato dos moradores de uma cidade do Kansas e as relações que se estabelecem entre o autor Truman Capote e os assassinos – ao invés de mostrar a produção de artigos sobre a vida de pessoas – biografias – como Gay Talese e outros autores faziam. É importante, também, fundamentar e conceituar a relação entre literatura, jornalismo e o New Journalism; pois a construção da narrativa e a produção de sentido estão cada vez mais complexas – principalmente nos tempos atuais. Em suma, o trabalho reconhece a importância do papel do New Journalism na criação de um novo estilo não literário, mas que se aproxima da literatura como ferramenta para contar a “história da reportagem”.

Palavras-Chave: New Journalism. Jornalismo. Literatura. Capote. Talese.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. NEW JOURNALISM	13
2.1 AS ORIGENS DO NEW JOURNALISM	15
2.2 PRINCIPAIS AUTORES	17
2.3 O NEW JOURNALISM NO BRASIL	21
3. “CAPOTE”	25
3.1 TRUMAN CAPOTE	25
3.2 O CASO DA FAMÍLIA CLUTTER	28
3.3 “A SANGUE FRIO”	29
4. FRANK SINATRA ESTÁ RESFRIADO	31
4.1 O PERFIL DE FRANK SINATRA	31
4.2 GAY TALESE	33
5. ANÁLISES ESTRUTURAIS	36
5.1 A PRODUÇÃO NO NEW JOURNALISM	36
5.2 PARÂMETROS DE ANÁLISES DO NEW JOURNALISM	37
5.2.1 INEXISTÊNCIA DE DEADLINE.....	37
5.2.2 LINGUAGEM CLARA (BEIRANDO O COLOQUIAL).....	37
5.2.3 NARRATIVA EM PRIMEIRA PESSOA.....	37
5.2.4 OPINIÃO.....	37
5.2.5 RECONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA (CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA DA REPORTAGEM).....	38
5.2.6 RECUSA À OBJETIVIDADE.....	38
5.2.7 REGISTRO DE DIÁLOGOS COMPLETOS	38
5.3 O LIVRO “A SANGUE FRIO”	38
5.4 ANÁLISE DO ARTIGO DE GAY TALESE	42
5.5 O PADRÃO DO NEW JOURNALISM	45
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	53

1. INTRODUÇÃO

O New Journalism¹ é um termo no meio jornalístico que surgiu em meados da década de 50 nos Estados Unidos da América. Enquanto estilo, o New Journalism flertava com a literatura e foi classificado como “Romance de Não ficção”. Sua principal característica é misturar a narrativa jornalística com a literária.

Esta monografia pretende analisar a construção do texto no New Journalism e elucidar se existe um modelo a ser seguido nas produções do New Journalism. Como foco principal, temos o questionamento: o livro “A Sangue Frio”, do autor Truman Capote, retrata um padrão jornalístico do New Journalism? Todas as formas de produção desse estilo jornalístico podem ser enquadradas desse nesse molde de “obra prima”?

Para essa análise será utilizado o livro “A Sangue Frio” em contraponto ao perfil de Frank Sinatra feito por Gay Talese. As investigações acerca dessa monografia se dão no objeto de análise (livro “A Sangue Frio”) em comparação ao perfil de Frank Sinatra.

O livro foi escolhido como objeto por retratar a narração de um fato – o assassinato dos moradores de uma cidade do Kansas e as relações que se estabelecem entre o autor Truman Capote e os assassinos – ao invés de mostrar a produção de artigos sobre a vida de pessoas – biografias – como Gay Talese e outros autores faziam.

É importante, também, fundamentar e conceituar a relação entre literatura, jornalismo e o New Journalism; pois a construção da narrativa e a produção de sentido estão cada vez mais complexas – principalmente nos tempos atuais. Em suma, o trabalho reconhece a importância do papel do New Journalism na criação de um novo estilo não literário, mas que se aproxima da literatura como ferramenta para contar a “história da reportagem”.

O trabalho foi dividido em introdução, três capítulos de apresentação e pontuação teórica, um capítulo de análises e as considerações finais; além das referências bibliográficas.

Na introdução são apresentados os conceitos gerais e explanado um pouco sobre o que a monografia discorrerá.

No capítulo “New Journalism” será contada a história do estilo literário e sua contribuição na época. Os subitens “As origens do New Journalism”, “Principais

¹ Em livre tradução pela autora: Novo Jornalismo.

autores” e “O New Journalism no Brasil” guiarão o leitor através da construção e perpetuação desse modo diferente de escrita.

No capítulo “Capote” será explanada a história de Truman Capote, um dos principais autores do estilo “New Journalism”. O subitem “Truman Capote” dará um panorama geral sobre a vida do autor; o subitem “O caso da família Clutter” contará, resumidamente, o caso principal do livro “A Sangue Frio”.

No capítulo “Frank Sinatra está resfriado” teremos os subitens autoexplicativos “O perfil de Frank Sinatra” e o resumo da vida do autor “Gay Talese”.

No capítulo “Análises estruturais” teremos os conceitos de “A produção do New Journalism”, a apresentação e análise do livro “A Sangue Frio”, o perfil e análise de “Frank Sinatra está resfriado” e, finalmente, passamos ao “Padrão” do New Journalism; terminando com as “Conclusões finais” e as “Referências bibliográficas”.

2. NEW JOURNALISM

Em meados dos anos 1950 e início dos anos 1960, jornalistas norte-americanos cansados do velho padrão de escrita das matérias, iniciaram uma migração para o que chamamos de New Journalism. Longe da estrutura clássica jornalística, os autores se aproximavam cada vez mais do que viria se chamar romance literário.

O New Journalism permitia ao jornalista “brincar” com o texto, colocando vários ângulos da reportagem, como dos entrevistados, ou do fato. Diferente da produção jornalística tradicional, onde teoricamente não pode haver margem para os leitores terem dúvidas, com matérias diretas, onde informam somente o fato em si. É caracterizado pelo uso de técnicas da literatura na forma de colher material, na redação e edição de reportagens e ensaios jornalísticos. O texto oferecia ao leitor um leque de possibilidades, incluindo a de fantasiar e se inserir na cena que foi descrita.

A influência que a literatura de ficção europeia do século XIX exerce sobre o New Journalism é verificada especialmente na forma com que o material é coletado. A escola do realismo social caracterizou-se pelas longas e detalhadas pesquisas de campo que os escritores faziam antes de escrever (CZARNOBAI, 2003, p. 24).

No New Journalism, há a possibilidade do escritor tornar o fato ocorrido mais atraente aos olhos dos leitores. A narração, que geralmente, é em terceira pessoa faz com que quem está lendo também experimente sensações e, até mesmo, se identifique com algum personagem.

O que caracteriza o New Journalism é uma atitude crítica em relação aos modelos do que ele (Wolfe²) chama de “jornalismo totem”. Crítica que encontra sua expressão no experimento estético, carregando o texto jornalístico de referencialidade num movimento oposto ao investimento no conteúdo. A forma do discurso é tratada como artifício e, em nenhum momento se constrói nada que encuba esse estatuto. Isso faz com que a discursividade do New Journalism seja uma desconstrução exemplar da objetividade jornalística (DEMETRIO apud PONTES E BEZERRA, 2015, p. 3).

Existe detalhamento maior de cenas, além de uma descrição do clima, e da emoção no momento do acontecimento. Tudo isso serve para corroborar com o que está sendo descrito. A descrição é usada e abusada como forma de recurso literário da escrita jornalística. O jornalista e escritor Gianni Carta destaca que no caso do New Journalism o texto permite, também, que contenha a opinião de quem o escreve.

² Jornalista e escritor norte-americano, conhecido por seu modo psicodélico de escrever matérias. Será melhor discutido no capítulo 2, subitem 2.2 Principais Autores.

O novo jornalismo é uma tentativa de busca da realidade, sem deixar de lado as impressões de quem escreve. O escriba, nesse contexto, pode optar pela imparcialidade – e pode, quando julgar apropriado, opinar sobre um determinado assunto. Ou seja, escrever na primeira pessoa não é (ou não deveria ser) um ato de vaidade: é, muitas vezes, a única maneira de escrever para escapar das garras do jornalismo que não toma partido e, talvez ainda mais importante, o melhor atalho para se soltar (CARTA, 2003, p. 13).

O jornalismo não é, e nem pode ser, considerado imparcial. Nas palavras de Gianni, “o jornalismo imparcial não existe por um simples motivo: não se trata de uma ciência” (CARTA, 2003, p. 13).

O papel do jornalista é sempre ouvir os dois lados e, ao escrever a matéria ser idôneo na forma como retrata cada entrevistado, contudo quem escreve sempre penderá para um lado. Dependendo da angulação que se dá ao texto, podem-se criar mocinhos e vilões.

Com a nova produção de textos jornalísticos o uso do ponto de vista do autor não causa estranheza ou desconforto e nem põe em risco a credibilidade do texto. Uma das características mais marcantes do New Journalism é a capacidade de extrair confissões, segredos e curiosidades dos personagens. Através de uma série de entrevistas é possível traçar o perfil detalhado de suas personalidades para que em seguida, se utilize as informações na confecção do texto.

Em entrevista para o Jornal do Brasil, Gay Talese fez uma definição sobre o que seria o novo movimento jornalístico literário:

New journalism (ou narrative writing, que seja) quer dizer apenas escrever bem. É um texto literário que não é inventado, não é ficção, mas que é narrado como um conto, como uma sequência de filme. É como um enredo dramático digno de ser levado aos palcos e não apenas um amontoado de fatos, fácil de ser digerido (TALESE apud CZARNOBAI, 2003, p.23).

O New Journalism consegue se desfazer do vínculo da objetividade em que transforma o jornalismo em textos noticiosos, com um lead fixo, sem que o autor possa emitir qualquer opinião, pois não há margem para tal. Existe ainda a necessidade de se obter as clássicas respostas do “quem?”, “quando?”, “onde?”, “por quê?” e “como?” para que o texto tenha algum sentido. É a mais pura e simples pirâmide invertida, ou seja, a matéria é mais enxuta, curta e objetiva possível.

O jornalista brasileiro Joaquim Ferreira dos Santos, no posfácio do livro de Tom Wolfe, *Radical Chique e o Novo Jornalismo*, diz que o New Journalism se assemelha ao tradicional na forma de coletar material:

O Novo Jornalismo, como qualquer repórter da editoria de Cidade, vai ao local. Pega taxi. Puxa do caderninho, sua canequinha de humildade, e mendiga informação. Mas sabe que ainda é pouco. De nada valeria a Tom Wolfe, por exemplo, estar no quarto de Bernstein. A cena que interessava, como vimos, não se passava ali (SANTOS, 2005, p. 236).

Ou seja, o jornalista do New Journalism também precisava estar inserido no local onde nasceria sua próxima história/novela. Havia a necessidade de participar, ativamente ou não, da vida do objeto ou personagem a ser retratado, para que assim pudesse ter uma maior precisão quanto aos fatos que contribuiriam para a narrativa.

Os símbolos do cotidiano situam o leitor próximo a aquilo que vive. A construção cena-a-cena é outro recurso utilizado pelo Novo Jornalismo. A narração é organizada no tempo presente de uma forma que conduza o leitor a um contato dinâmico com o texto e o fato reportado. E, por último, temos o emprego dos diálogos utilizados de uma forma solta e simples, a fim de ritmar a leitura. Nesta fase, prima-se pela veracidade do discurso, recurso, este, que naturaliza e dá uma certa credibilidade à narrativa (OLIVEIRA apud LIMA, 2007, p. 4).

Porém, ao mesmo tempo em que assemelha na forma de buscar o material, se diferencia quanto ao nível de profundidade com que o jornalista-escritor investiga sobre dados coletados.

2.1 AS ORIGENS DO NEW JOURNALISM

Logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, o mundo foi dividido em dois grandes blocos políticos-ideológicos, Capitalismo *versus* Socialismo, Estados Unidos *versus* União Soviética. Com isso, deu-se o início da corrida armamentista e, no caso dos EUA, a produção em massa de bens de consumo, a fim de mostrar ao mundo as diferenças na qualidade de vida que só o capitalismo era capaz de proporcionar. Começava aí o tão difundido, principalmente nos anos 1950, *American Way of Life*³.

Ao mesmo tempo em que aparecia toda uma cultura de consumismo. Em meados dos anos 1950 começaram a surgir grupos contrários aos padrões estabelecidos na época. Porém, foi durante os anos de 1960 que o movimento contracultura atingiu seu ápice. Conhecidos como *hippies*, eles lutavam contra tudo que representava o materialismo exacerbado, se recusavam a lutar na guerra do Vietnã, queriam viver em comunidades e pregavam a liberdade sexual.

³ Tradução livre: Estilo de vida Americano.

Depois de uma grande inércia em que os jornais se encontravam, onde os jornalistas só noticiavam os fatos, não havia nenhum aprofundamento. O jornalismo também começa a mudar a forma como enxerga a notícia, dá-se início ao desprendimento do jornalismo objetivo, em forma de pirâmide invertida, que foi pensado durante a Segunda Grande Guerra, como forma de enviar toda a informação necessária em um curto espaço de tempo. E se inicia uma nova fase no jornalismo: surge o estilo do New Journalism.

Após anos ignorando o que estava acontecendo nos Estados Unidos dos anos 60, a imprensa também começou seu movimento de contracultura. Lançando mão dos meios tradicionais de fazer notícia, alguns jornalistas começaram a unir a literatura com o jornalismo. A jornalista Rosana Penha Figueiredo Soares discorre sobre o tema:

[...] o jornalismo não acompanhava toda essa revolução. A grande imprensa da época não cobria estes fatos, pois não se dava conta que, o que estava acontecendo, era o início de uma nova sociedade americana. (SOARES, 2005, pp. 4).

Muitos jornalistas não concordavam com a ideia de unir o jornalismo com a literatura. As redações foram divididas em dois grupos de jornalistas: os que apenas noticiavam furos de reportagem, ou seja, matérias mais superficiais e os que escreviam matérias especiais. Os jornalistas do segundo grupo tinham a chance de discorrer sobre variados temas, sempre aprofundando ao máximo possível informações para os leitores.

A chance que o jornalismo poderia ter para se igualar em qualidade narrativa, à literatura, seria aperfeiçoando seus meios sem, porém, jamais perder sua especificidade. Isto é, teria de sofisticar seu instrumental de expressão, de um lado, elevar seu potencial de captação do real de outro. Esse caminho chegaria a um bom termo com o New Journalism. [...] O New Journalism resgataria, para esta última metade do século, a tradição do jornalismo literário e conduzi-lo-ia a uma cirurgia plástica renovadora sem precedentes (LIMA apud OLIVEIRA, 2007, p. 4).

O New Journalism mudou a forma como se escrevia textos de cunho informativo, porém, não mudou o fato de que os jornalistas escreviam sobre episódios que realmente tinham acontecido, apesar do tom mais dramático dado às matérias, a essência da história não era ficção. Talese afirma no prefácio do seu livro *Aos olhos da multidão* que a verdade deve prevalecer mesmo nas páginas dos livros.

O New Journalism, embora possa ser lido como ficção, não é ficção. É, ou deveria ser, tão verídico como a mais exata das reportagens, embora buscando uma verdade mais ampla que a possível, através da mera compilação de fatos comprováveis (TALESE apud BRASIL, 2003, p. 21).

Para ser um jornalista-escritor era preciso dedicação, pois diferente das notícias produzidas de modo tradicional, as reportagens especiais poderiam levar dias, semanas, meses e até anos (como no livro de Truman Capote, *A Sangue Frio*) para ficarem prontas. Desse modo, as apurações de pauta eram feitas de forma rica e sempre com muitos detalhes.

Ao contrário do que muitos autores da época pensavam, a forma de escrever no New Journalism não era inédita. Ernest Hemingway teve matéria publicada logo após a Segunda Guerra. Lillian Ross também já escrevera perfis de famosos na década de 1950. Quanto mais se busca no passado, mais nomes de jornalistas e escritores vão aparecendo.

[...] prevalecia um certo gongorismo, um nariz que se avantajava em cabeça, tronco e membros de cera, mas havia espaço para pequenas obras-primas, como a que Henry Morton Stanley (1841-1904) escreveu no *New York Herald*, em 1872, ao localizar o missionário escocês David Livingstone dado como perdido na África:

“... Há um grupo de árabes extremamente respeitáveis, e, ao aproximar-me, vejo o rosto branco de um senhor de idade entre eles. Usa um boné com uma fita dourada amarrada em volta, uma jaqueta curta de pano de cobertor, e calças — bem, eu não reparei. Trocamos um aperto de mãos. Tiramos nossos chapéus, e eu pergunto:

— Dr. Livingstone, eu presumo?

E ele responde: ‘Sim’.” (Instituto Gutenberg, 1998).

Uma das diferenças entre as escritas do passado e a dos anos 60 foi a técnica usada para narrar fatos como se fosse ficção, sem abandonar a verdade. Com o crescente número de repórteres especiais, o surgimento do New Journalism causou certo desconforto na comunidade literária. Muitos jornalistas foram atacados e tiveram seu trabalho criticado por veículos conservadores.

O novo movimento literário só foi tratado com seriedade após o lançamento do *best-seller* “*A Sangue Frio*” de Truman Capote, em 1965. Por sua importância, por ser um marco no New Journalism e por ser um objeto de estudo desse trabalho, o livro será discutido no capítulo 3, item 3.3 desta monografia.

2.2 PRINCIPAIS AUTORES

Apesar de não ser possível definir um autor que tenha se tornado o “criador” para o estilo de escrita do New Journalism, muitos autores se destacam nessa área. Desde antes dos anos 20, quando não existia uma corrente de jornalismo literário, alguns

escritores por opção preferiam a técnica narrativa. Porém, como Edvaldo Pereira Lima⁴ destaca em seu site, não havia espaço para matérias com mais profundidade, ou até mesmo a liberdade de realizar perfis de celebridades.

Na maioria das vezes, eram produções direcionadas ao livro-reportagem, já que pouco espaço havia na mídia periódica para a inserção de matérias tão extensas e elaboradas. O panorama começa a mudar, ganhando um contorno de "escola", a partir dos anos 1920 e 1930, quando a revista norte-americana "The New Yorker" passa a produzir um tipo de matéria jornalística que ganha melhor feitura quando é elaborada no estilo do Jornalismo Literário: o perfil. Entram por essa linha jornalistas que conquistam prestígio escrevendo essas reportagens que retratam com vigor e alcance figuras públicas ou anônimas. Nos anos 1940, já se pode dizer que está formatada essa modalidade de prática jornalística, pelo menos no caso norte-americano, pela presença de um número crescente de jornalistas que se mantêm fiéis à proposta (LIMA).

Em 1946, logo após a Segunda Guerra Mundial, o escritor e jornalista norte-americano John Hersey, enviou uma reportagem especial para a revista The New Yorker. John fez a cobertura da Guerra e, a pedido do próprio dono da revista The New Yorker, Harold Ross. Hersey escreveu sobre a bomba que destruiu a cidade de Hiroshima, no Japão.

Intitulada *Hiroshima*, a reportagem foi considerada uma das principais da história do jornalismo e conta como a bomba atômica matou mais de 100 mil pessoas, e deixou outras tantas feridas através da perspectiva de seis sobreviventes. A matéria fez tanto sucesso, que a revista The New Yorker vendeu aproximadamente 300 mil cópias pouco tempo depois do lançamento.

O professor de Ciências da Comunicação pela UFSM, Eduardo Ritter cita em seu artigo: “Do país todo e do estrangeiro chegavam à redação pedidos de autorização para a reimpressão da matéria” (SUZUKI JR apud. RITTER, p. 5). Mais tarde, a reportagem virou um livro-reportagem.

Hiroshima é considerada por muitos a mais importante reportagem do século XX e, com certeza, nenhuma outra teve a sua repercussão. Os 300 mil exemplares da revista esgotaram-se rapidamente e, depois, cópias do texto chegaram a ser vendidas por muitas vezes o preço de capa do exemplar. Os direitos de reimpressão no país e no exterior foram doados pela revista para a Cruz Vermelha. As cadeias de rádio ABC, nos Estados Unidos, e BBC, na Inglaterra, puseram atores no ar lendo a reportagem que, logo depois, foi editada em formato de livro (TALESE apud BRASIL, 2003, p. 30).

⁴ Edvaldo Pereira Lima é jornalista, Doutor em Ciência da Comunicação e pós-Doutor em Educação. É co-fundador e professor da Academia Brasileira de Jornalismo Literário.

Surgem nomes como Lillian Ross, que escreveu perfis de pessoas como Hemingway no *New York Times* em 1950. Além de Lillian, Joseph Mitchell, A. J. Liebling, James Agee e o próprio Ernest Hemingway escreveram matérias muito próximas ao estilo do New Journalism.

Os anos 60 podem ser considerados o ápice do New Journalism. Vários escritores começaram a usar as técnicas de escrita do estilo. Dentre eles se destacam Dick Schaap colunista do *Harold Tribune*.

Charles Portis, que se demitiu do posto de correspondente da redação do *Herald Tribune*, em Londres, para viver o sonho de ser um escritor de romance, alcançando o sucesso com livro *True Girl*, que foi um best-seller com boas críticas e posteriormente teve vendido os direitos autorais para o cinema.

O também jornalista-escritor Jimmy Breslin ganhou uma coluna no *Herald Tribune*, após chamar a atenção do editor Jock Whitney com seu livro *Can't anybody here play this game?*⁵, sobre o time de baseball de Nova Iorque. Tom Wolfe discorre em seu livro sobre Breslin:

O Herald Tribune contratou Breslin para fazer uma coluna local 'divertida', que ajudasse a compensar um pouco o peso da página editorial, paralisando vendedores de roncões como Walter Lippmann e Joseph Alsop (WOLFE, 2005, p. 23).

No *The New York Times*, destacavam nomes como o do repórter esportivo Robert Lipsyte e Gay Talese, este que por sua vez ficou famoso após escrever uma história para a revista *Esquire* cujo título era: "Joe Louis: o Rei como Homem de Meia Idade". Nas palavras de Wolfe: "sobre um lutador de boxe que estava ficando velho, careca e triste" (WOLFE, 2005, p. 21), por ser um dos objetos de estudo deste trabalho, Talese será melhor apresentado no capítulo 4 subitem 4.2 desta monografia.

O psicodélico Tom Wolfe, com suas reportagens cheias de pontuações extravagantes que chamavam a atenção do leitor, também marcou presença no New Journalism. Um de seus primeiros textos no novo estilo jornalístico foi "Aí vem (Vruum! Vruum!) Este Carrinho Bonitinho Aerodinâmico (Rahghhh!) Fluorescente (Thphhhhhh!) Fazendo a Curva (Brummmmmmmmmmmmmmmmmmmmm!)" de 1963, em que Wolfe mistura memorandos e rascunhos para o editor da *Esquire*. Wolfe começou a experimentar recursos literários como a mudança do ponto de vista, diálogos inteiros dos personagens e até mesmo o que a pessoa estava pensando.

⁵ Será que ninguém aqui sabe jogar esse jogo? (WOLFE, 2005, p. 23)

Hunter Thompson também aparece como um escritor do New Journalism. Destaca-se, porém, certa controvérsia sobre o estilo do jornalista-escritor. Alguns autores modernos o classificam como criador de um novo estilo de escrita, o Gonzo Journalism⁶. Contudo, alguns estudiosos da área de Jornalismo dizem que seu primeiro grande sucesso, escrito em 1965, intitulado *Hell's Angels: medo e delírio sobre duas rodas*, pode ser considerado dentro do estilo do New Journalism.

2.3 O NEW JOURNALISM NO BRASIL

No Brasil, o jornalista e engenheiro militar Euclides da Cunha foi enviado para cobrir a guerra de Canudos, no nordeste do país, a fim de entender toda a revolta dos sertanejos do nordeste com o sul do Brasil. Euclides foi o primeiro a compreender o motivo da revolta que assombrou a elite brasileira. O jornalista escreve uma série de reportagens para o jornal *Estado de S. Paulo*, a respeito da desigualdade do Brasil e da condição precária em que vivem as pessoas do campo. Em 1902, a reportagem é transformada em livro nomeado *Os sertões*. O trabalho do jornalista-escritor pode ser considerado o primeiro do estilo do New Journalism no Brasil, pois se destaca das demais coberturas apresentadas por outros jornais.

Uma obra contundente, que destruiu o sonho brasileiro da República e da civilização branca europeizada, nascida de uma reportagem sobre a Guerra de Canudos para o jornal O Estado de S. Paulo. Euclides da Cunha foi cobrir o evento, em 1897, como enviado de guerra (BRASIL, 2003, p. 33-34).

Nos anos 1940, a revista *O Cruzeiro*, criada em 1928, começou a diversificar o estilo de escrita e seu conteúdo, além também da mudança gráfica. Contava com um time de jornalistas e escritores que marcaram época na literatura brasileira tais como, Millôr Fernandes, Nelson Rodrigues, Lúcio Cardoso, Rachel de Queiroz, Alex Vianny, Franklin de Oliveira, Joel Silveira, Gilberto Freyre e José Lins do Rego (BRASIL, 2003, pp. 47).

Em 1938, surge a revista *Diretrizes*, que continha o mesmo viés de escrita da revista *O Cruzeiro*. Uma de suas matérias que mais repercutiu junto aos leitores foi a de Joel Silveira, sobre a elite paulistana, intitulada *Grã-finos em São Paulo*. É resultado de ricas descrições sobre o ambiente, amplas entrevistas e pesquisa de imersão na classe

⁶ Gonzo Journalism surgiu nos EUA, em meados dos anos 60, com o jornalista Hunter S. Thompson. Pode ser considerado uma vertente do New Journalism, onde o narrador está completamente imerso na matéria, se misturando totalmente com a ação. Se caracteriza principalmente pela temática polêmica se tratando em sua maioria de sexo, drogas, esporte e política.

mais abastada da capital metropolitana de São Paulo. Além destas duas revistas, alguns jornais da época chegaram a publicar matérias investigativas como *O Jornal*, *Diário Carioca*, *Correio da Manhã* e também *O Globo*.

Porém foi só em 1966, com a criação da revista *Realidade*, que o New Journalism foi de fato implementado no Brasil. A revista foi lançada pela Editora Abril em São Paulo, no início do período do Regime Militar, quando a imprensa ainda não sofria tanta censura.

A revista era mensal o que dava maior liberdade aos jornalistas e mais tempo para pesquisar mais sobre cada assunto nas matérias. O jornalista podia fazer experiências com o texto, esmiuçar o objeto tema de sua reportagem, misturar sua experiência pessoal com o assunto abordado. Sempre prezando por relatos reais.

Quais as fontes dessa experiência jornalística? Uma delas foi certamente a conjuntura político-cultural do período do surgimento da revista e de seus três primeiros anos de existência. Outra dessas fontes é a que diz respeito ao código discursivo inovador de que os profissionais da revista lançaram mão para produzir suas matérias, tenha ou não esse código sido influenciado pelo *new journalism*, isto é, as indicações aparentemente *técnicas* de elaboração da reportagem procedentes do jornalismo norte-americano (FARO apud BRASIL, p.50).

Logo a revista se tornou um sucesso de vendas, principalmente entre os adolescentes, jovens universitários e jovens adultos. Uma vez que abordava temas considerados tabus na sociedade, tais como sexualidade, liberação feminina, movimento estudantil, política, homossexualidade, Igreja Católica e a mudança nos seus padrões conservadores, revoluções em outros países, etc. O suplemento dominical virou sucesso de vendas. A circulação da revista era de meio milhão de exemplares vendidos em banca, chegando a ter três edições esgotadas.

Sua edição número 10 foi censurada em 1967, a pedido de um cardeal por conter uma foto de um bebê nascendo à luz de velas que foi considerada chocante. O empresário no ramo de comunicações Roberto Civita⁷ destaca também que o tema central da edição era dedicado à mulher.

Era uma edição dedicada à nova mulher e havia matérias como “Sou Mãe Solteira e me Orgulho disso” e uma pesquisa com mil mulheres de norte a sul do país que mostrava que 30 a 40 por cento das entrevistadas tinham feito aborto. Foi acusado de ser um libelo contra a honra da mulher brasileira (FARO apud BRASIL, 2003, p. 54).

⁷ Foi diretor editorial do Grupo Abril. Criador de revistas famosas no Brasil, entre elas as revistas Realidade, Exame e Veja. Faleceu em 2013, aos 76 anos.

Depois que teve sua edição censurada, a revista começou a se autocensurar o que foi determinante para o seu fim. Além disso, outros fatores também contribuíram como a reprodução do modelo da revista por outros periódicos. A aceleração da notícia também foi considerada um fator decisivo para decretar seu fechamento, pois os leitores queriam saber mais sobre diversos assuntos em menos tempo e com o avanço da TV, e outras revistas semanais ficou ainda mais difícil competir no mercado.

Em 1968, o Governo Militar lança o Ato Institucional número 5, que instituiu a censura prévia na imprensa e a revista Realidade não conseguiu mais a espontaneidade nos assuntos que era sua marca registrada. O clima de insegurança na redação refletia o medo na sociedade como um todo. A revista continuou até 1976, porém não tinha mais originalidade, até que finalmente a Editora Abril resolve decretar seu fim.

O periódico *Jornal da Tarde* surgiu na mesma época que a revista Realidade. O jornal também abordava temas polêmicos, porém era ainda mais radical. Ousava com a criatividade e usava a máxima “proibido proibir”. Já em seu primeiro ano de existência, 1966, o periódico já encarava uma briga com o Governo Militar, lançando a manchete *Ditador quer calar a Imprensa* que denunciava a tentativa de censura.

Após a implementação do AI-5, o jornal passou a usar receitas no lugar de matérias censuradas, sempre mantendo o tom de ironia como, por exemplo, o título a que se referia ao senador Jarbas Passarinho: *Aves à passarinho*, ou então com o título que fez mais sucesso no periódico *Lauto Pastel*, uma crítica ao governador de São Paulo Laudo Natel.

O jornal ficou famoso por suas capas e seu estilo de fazer matéria, como o jornalista Ivan Ângelo descreve:

Cada jornal escolhe sua tradição, o JT escolheu essa dos seus primeiros anos. Na luta contra a censura, receitas culinárias ocupavam o lugar das matérias cortadas pelos censores e assim o jornal denunciava a arbitrariedade. A página é pequena demais para abrir uma foto? Vira-se a página. Não há notícia que mereça manchete? Pede-se em manchete que o leitor escolha a sua [...] O comício das diretas-já é grande demais para uma capa de jornal? Usa-se uma foto só, sem título, da capa à última capa, página dupla. Maluf está perdendo a quinta eleição? A foto do candidato, arrasado, antecipa o resultado. (ANGELO apud BRASIL, 2003, p. 79).

A circulação do jornal começou a ser reduzida no início dos anos 2000, em seu ápice nos anos 90, a tiragem do periódico era de aproximadamente 120 mil, nas edições de terça, quinta, sexta e sábado. E de 190 mil nas segundas e quartas. Já em 2011, a

circulação era de aproximadamente 42 mil. O jornal fechou suas portas em outubro de 2012, vendendo em torno de 38 mil exemplares.

O Brasil passou por um período de criação e produção do New Journalism, porém bem mais discreto que os Estados Unidos. Isso se deve também à cultura, pois em nosso país não se tem o hábito da leitura como os norte-americanos possuem.

E, assim, finda-se o primeiro capítulo teórico desse trabalho de monografia. No próximo ("Capote"), discutir-se-á sobre o escritor Truman Capote. No primeiro subitem serão apresentados dados sobre o autor, seguidos do "caso da família Clutter" e de uma explanação sobre o livro "A Sangue Frio".

3. “CAPOTE”

Fisicamente era frágil e de baixa estatura, porém sua aparência em nada refletia seu temperamento. Truman era afiado. Usou todo seu potencial para entrevistar pessoas famosas e anônimas. Empregou uma técnica que treinou com um amigo, onde Capote decorava o máximo possível de um texto que esse amigo lia para ele. Foi desse modo que o jornalista fez o perfil de Marlon Brando, sem o ator conseguir perceber que estava sendo entrevistado. O biógrafo Gerald Clarke escreve sobre Capote: “Truman era bisbilhoteiro e registrava o que as pessoas diziam, não o que elas queriam que ele dissesse.” (Instituto Gutenberg, 1998).

Capote faz grande sucesso com seus livros, porém sente o peso e a responsabilidade de ser um grande escritor:

Um dia, comecei a escrever, sem saber que me acorrentara por toda minha vida a um senhor nobre porém implacável. Quando Deus lhe dá um dom, ele também lhe dá um chicote; e o chicote se destina apenas à auto-flagelação... Estou aqui sozinho na escuridão de minha loucura, sozinho com o meu trabalho – e, é claro, o chicote que Deus me deu (LESSA, 2003, p. 12).

A partir de agora, veremos o caso da família Clutter e a grande obra prima do jornalista escrito Truman Capote, *A Sangue Frio*.

3.1 TRUMAN CAPOTE

Truman Streckfus Persons nasceu em Nova Orleans, EUA, em 30 de setembro de 1924. Sua mãe, Lillie Mae Faulk, alcoólatra, se casou com um comerciante de nome Archulus Persons. Nenhum dos dois se importava com a criação de Truman, até que sua mãe deixou-o sob os cuidados de parentes no estado do Alabama.

Porém, em 1935, Truman mudou-se para Nova Iorque com sua mãe, que havia se casado novamente, desta vez com um descendente de portugueses chamado Joseph Garcia Capote. Seu nome de batismo foi alterado para Truman Garcia Capote, quando seu padrasto o adotou.

Há relatos de que Truman era autodidata e, que aprendera a ler antes de ter frequentado a escola. Desde muito cedo Capote escrevia. Em 1941, aos 17 anos, começou a trabalhar como *office-boy* na editoria de arte da *The New Yorker*. Trabalho que exerceu por três anos. Aos 21 anos, em 1945, publica dois contos: um na revista *Mademoiselle* e outro na *Harper's Bazaar*.

Capote publica, em 1948, um romance gótico, intitulado *Other voices, other rooms*, sobre um menino de 13 anos que perde a mãe e vai morar com o pai (que o abandonou após seu nascimento), em Nova Orleans. Nos anos seguintes, Truman publica diversos contos e romances.

Seu sucesso no jornalismo-literário se consolidou em 1956, com a publicação de *Ouvindo as Musas*, na revista *The New Yorker*, um retrato sobre uma excursão de teatro americano à União Soviética em 1955, no auge da Guerra Fria. Capote consegue recurso da revista para acompanhar a companhia de teatro. Durante a viagem, faz pequenas anotações e observações sobre o comportamento de cada um dos integrantes da excursão.

Gastou lápis anotando fatos, queimou neurônios inventando cenas. Descrições soberbas de lugares e instantes, personagens reais montados com a ourivesaria do romance, muito diálogo, observações ferinas, uma história completa na primeira pessoa [...] dividida em duas partes equitativamente soberanas. No final do ano saiu em livro, já assumida como literatura ou, nas palavras do autor, “um romance cômico”. O título foi tirado do discurso do anfitrião russo: “Quando se ouvem os canhões, as musas se calam; quando se ouvem as musas, os canhões se calam”. Capote adorou, por motivos que um jornalista profissional jamais escavaria: “Queria uma coisa bem russa, uma obra de arte Fabergé, uma caixinha de música, por exemplo, tremulando ao som de uma melodia brilhante, precisa, maliciosa” (Instituto Gutenberg, 1998).

Após a publicação da história na revista, algumas pessoas da companhia de teatro, citadas no artigo, não gostaram do modo como foram narrados na matéria e chegaram a dizer que Truman havia aumentado e até mesmo inventado diálogos e situações.

Porém, Nancy Ryan, que era secretária da companhia na época, defendeu-o para o biógrafo Gerald Clarke (autor de *Capote – uma biografia*), dizendo: “Ele brincava com as coisas. Mas não alterava a verdade básica ou o espírito genuíno de tudo aquilo”. (Instituto Gutenberg, 1998).

No mesmo ano, 1956, Capote traçou o perfil de Marlon Brando também para a revista *The New Yorker*, nomeado *Duque em seus domínios*. Capote faz uma descrição fidedigna do astro de cinema. Nem mesmo Brando negou o que Truman escrevera. O escritor evitava usar qualquer tipo de dispositivo que pudesse atrapalhar a conversa com o entrevistado, pois achava que dava um tom muito artificial ao que seria falado.

Era minha opinião que a reportagem poderia ser uma arte tão elevada e requintada quanto qualquer outra forma de prosa – o ensaio, o conto, a novela – uma teoria ainda não tão arraigada em 1956, o ano em que o trabalho foi publicado, quanto é hoje, quando a sua aceitação tornou-se talvez um tanto exagerada. Minha ideia foi a seguinte: qual o nível mais superficial da arte jornalística, tão difícil de transformar como fazer de uma orelha de porco uma bolsa de seda? A “entrevista” com astros do cinema, no gênero *Silver Screen*: por certo nada seria mais difícil de enobrecer! Depois de escolher Brando como o espécime da experiência, passei em revista o meu equipamento (cujo principal ingrediente é o talento para registrar mentalmente longas conversações... pois estou firmemente convencido de que o ato de tomar anotações – para não falar do uso de um gravador de fita – cria um clima artificial, e distorce, ou mesmo destrói, qualquer naturalidade que possa existir entre o observador e o observado, entre o nervoso beija-flor e o seu pretenso captor)... O que mais aprendi em tudo isso foi como controlar a escrita “estática”, como revelar caracteres e sustentar uma atmosfera sem o auxílio de uma linha narrativa – sendo esta, para o escritor, o que são a corda e a picareta para o alpinista (CAPOTE apud BRASIL, 2003, p. 18).

Em 1958, Truman publica a noveleta *Breakfast at Tiffany's*⁸ e alcança o sucesso como romancista. Três anos mais tarde, o livro virou um filme dos *Estúdios Paramount* e foi estrelado por Audrey Hepburn no papel principal. A adaptação para o cinema recebeu diversas indicações de prêmio chegando a ganhar alguns.

Um ano depois de escrever o clássico *Breakfast at Tiffany's* (1959), Capote lê a nota, no *The New York Times*, em que uma família havia sido brutalmente assassinada em uma pequena cidade do estado do Kansas, Estados Unidos. O escritor viu ali a oportunidade de fazer uma narrativa jornalística misturando realidade e ficção, dando um ar de romance ao artigo.

Capote então resolve (com o apoio da revista *The New Yorker*), partir, junto de sua amiga Harper Lee, para a cidade de Holcomb, onde os assassinatos aconteceram.

[...] o sucesso do “romance jornalístico” podia ser medido na mídia. Só na revista *Life* Capote ganhou 18 páginas. “Outros tinham usado técnicas ficcionais, mas ninguém escrevera um livro de não-ficção que pudesse ser lido como um romance”, observou o biógrafo Clarke (Instituto Gutenberg, 1998).

O livro intitulado *A Sangue Frio* demorou seis anos para ficar pronto, pois Truman não queria terminar antes dos assassinos serem executados. Ele foi um sucesso de vendas. Capote vendeu os direitos do livro para Hollywood e em 1967 foi filmado pelo diretor Richard Brooks.

⁸ No Brasil: *Bonequinha de Luxo*.

Em 2005, 39 anos depois do lançamento do livro, o diretor de cinema Bennet Miller fez uma adaptação para filme, com o foco nos seis anos em que Capote se dedicou a escrever o romance. A película foi indicada a cinco prêmios do Oscar e venceu na categoria de melhor ator com Philip Seymour Hoffman.

Nos anos 1970, Truman Capote publica mais alguns contos e livros, como *Os cães ladram*. Esse livro reúne uma série de artigos de viagens e rascunhos de histórias. E em 1980, lança mais um livro de não-ficção denominado *Música para Camaleões*, onde o escritor conta breves textos sobre suas vivências com personagens reais, incluindo Marilyn Monroe e a escritora norte-americana Willa Cather.

O vício em drogas e o alcoolismo ajudaram a dar fim na vida de Capote, que morreu aos 59 anos em 1984, na cidade de Los Angeles, em decorrência de possível intoxicação no fígado causada por drogas.

3.2 O CASO DA FAMÍLIA CLUTTER

Na madrugada do dia 15 de novembro de 1959, um assassinato de quatro membros de uma mesma família chocou a sociedade estadunidense. Graças ao jornalista e escritor Truman Capote, o caso ganhou repercussão mundial.

O crime aconteceu no interior do estado do Kansas, em Holcomb, cidade que tinha aproximadamente 270 habitantes na época do ocorrido. Os Clutter eram uma típica família estadunidense e, também muito influentes na cidade. A linha genealógica dos Clutter era composta pelo patriarca Herbert Clutter, 48 anos, dono da fazenda onde se plantava trigo. Sua esposa, Bonnie Clutter, três anos mais nova, dona de casa. Seus filhos Kenyon e Nancy Clutter ainda eram adolescentes. O casal ainda tinha duas outras filhas, porém as mesmas já haviam se casado e não moravam mais com a família.

Os criminosos, Perry Smith e Richard (Dick) Hickock, acreditavam que havia uma grande quantia de dinheiro em um cofre na propriedade dos Clutter. Um ex-funcionário da fazenda dos Clutter teria conhecido os dois bandidos em uma prisão e, revelado sobre o cofre escondido. Perry e Dick Hickcock entraram na propriedade da família, amarraram todos os quatro integrantes. Ao descobrirem que não existia cofre com dinheiro, os criminosos resolveram acabar com a vida dos Clutter. Todos levaram um tiro de espingarda na cabeça, o patriarca e o filho mais novo ainda tiveram a garganta cortada.

Após o crime, os dois bandidos fugiram da casa levando somente um rádio da marca Zenith, um par de binóculos e cerca de 40 dólares.

3.3 “A SANGUE FRIO”

A Sangue Frio foi publicado em 1966, por Truman Capote. A história narrada é sobre o assassinato de uma família tradicional na cidade de pequena cidade de Holcomb, interior do estado do Kansas, nos Estados Unidos.

O livro percorre toda a história do assassinato da família Clutter; o autor traça um paralelo desde antes do crime até a prisão e execução dos assassinos. A ideia do livro veio ao autor após Capote decidir escrever sobre fatos reais. *A Sangue Frio* foi publicado, originalmente, em quatro capítulos na revista *The New Yorker*, em 1965.

Capote começou a pensar em escrever sobre fatos reais e foi no dia 16 de novembro de 1959 que ele encontrou no jornal *New York Times* o argumento para o seu livro: o assassinato frio e brutal de uma família do Kansas. (VICTOR, 2009, p.13)

Após ler sobre o caso do assassinato em uma matéria no *New York Times*, Truman Capote resolveu viajar para Holcomb um mês depois do crime (foi enviado como correspondente da revista *The New Yorker*). Ao chegar à cidade, Capote começou a entrevistar familiares das vítimas, moradores locais, policiais e, posteriormente parentes dos assassinos. Além disso, ele teve acesso à dados oficiais, leu algumas cartas e diários da família (principalmente o de Nancy). O escritor ainda permaneceu na cidade para assistir ao enforcamento dos criminosos.

O autor se aproximou bastante de Perry Smith, pois se identificou com sua história de vida. Há rumores de que os dois teriam mantido um relacionamento amoroso. No posfácio da versão brasileira do livro de Capote, o jornalista Matinas Suzuki Jr., relata como se dava a relação entre Truman e Perry: “Havia uma grande empatia entre o personagem real, Smith, e o escritor Capote. Os policiais estavam certos que os dois eram amantes e que Truman subornava guardas para encontrar Smith”. (SUZUKI JR, 2003, pp. 427).

Com as informações coletadas, Capote escreveu o que ele intitulou de "romance não-ficcional", considerado a primeira grande obra do *New Journalism*. A principal diferença entre suas outras obras jornalísticas e seu principal livro foi seu amadurecimento como escritor.

Capote entrevistou por longo tempo um grande número de pessoas sem fazer anotações ou gravá-las. Segundo ele, a anotação e a gravação prejudicam o tempo dedicado à observação dos personagens e do ambiente, e intimidam os entrevistados, que perdem a naturalidade e deixam de fazer revelações importantes. (SUZUKI JR, 2003, p. 428).

O quarto e último capítulo de *A Sangue Frio*, intitulado de “O Canto”, é publicado na revista *The New Yorker*, em 25 de setembro de 1965, e faz o periódico bater recordes de venda. E então, em janeiro de 1966 o romance saiu em formato de livro.

Capote mostra como os assassinos foram cruéis (Perry é retratado como o dominante) ao executar a família, principalmente depois de constatarem que não havia nenhuma quantia significativa de dinheiro como eles imaginavam.

Dick queria sair correndo dali. Mas eu não deixei ele ir embora. O homem ia morrer de qualquer jeito, eu sei, mas eu não podia deixar ele lá, naquele estado. Pedi a Dick que segurasse a lanterna bem focalizada. E então eu fiz pontaria com a espingarda. E a sala explodiu. Um clarão azul. E ficou cheia de fumaça. Meu Deus, eu nunca vou entender como as pessoas não ouviram aquele barulho num raio de trinta quilômetros (CAPOTE, 2003, p.306).

O crime comoveu todos os moradores da pacata cidade de apenas 270 habitantes. A polícia procurou incansavelmente os criminosos, que haviam levado da casa somente um rádio da marca Zenith, um par de binóculos e aproximadamente 40 dólares.

O livro descreve fidedignamente a reação dos moradores de Holcomb, a investigação do corpo policial da cidade e os passos dos criminosos durante a fuga, assim como a história predecessora dos mesmos.

Os assassinos fugiram para o México com o dinheiro roubado da casa dos Clutter, porém retornam aos EUA e começam a emitir cheques sem fundos. Alguns meses após o crime, os dois assassinos Dick Hickock e Perry Smith, são presos pelo assassinato da família Clutter na cidade de Las Vegas, Nevada. Os bandidos foram julgados condenados e em abril de 1965, eles foram executados. O autor aguardou até o fim do julgamento e sua sentença para, somente após, publicar o livro.

4. FRANK SINATRA ESTÁ RESFRIADO

O quarto capítulo desse trabalho de monografia pretende ilustrar, inicialmente, o perfil de Frank Sinatra feito por Gay Talese e a vida do autor. O intuito principal é contextualizar a produção para as análises nos capítulos subsequentes.

Frank Sinatra está resfriado, dentre outros textos proeminentes do mesmo autor e do New Journalism, foi escolhido como objeto de análise para o presente trabalho de conclusão de curso por melhor sintetizar os principais elementos que caracterizam o New Journalism: a narrativa como instrumento básico; a humanização e a construção de um “romance jornalístico”. Tornou-se representativo e influente como exemplar famigerado do jornalismo literário.

4.1 O PERFIL DE FRANK SINATRA

O perfil do cantor Frank Sinatra foi feito por Gay Talese com base em entrevistas com pessoas próximas ao astro e em análises do próprio jornalista. Em 1965, Talese foi contratado pela revista *Esquire* a fim de produzir algumas matérias escolhidas por ele ou por seu editor. O jornalista e escritor rejeitou a pauta sobre o perfil Frank Sinatra, mas após insistência do editor, Talese aceitou escrever o artigo. Segundo o editor da revista na época, Harold Hayes, a entrevista com o músico já estaria agendada, porém Talese nunca conseguiu entrevistar Sinatra. Ainda assim, o jornalista conseguiu deixar transcorrer o cerne do cantor num texto que foi publicado na revista *Esquire*, a qual era conhecida por publicar perfis de personalidades.

[...] os quatro amigos de Sinatra que estavam por perto, que não era uma boa ideia forçar uma conversa com ele quando ele mergulhava num silêncio soturno, uma disposição nada rara em Sinatra naquela primeira semana de novembro, um mês antes de seu quinquagésimo aniversário. Sinatra estava fazendo um filme que agora o aborrecia e não via a hora de terminá-lo; estava cansado de toda a falação da imprensa sobre seu namoro com Mía Farrow, então com vinte anos, que aliás não deu as caras naquela noite; estava furioso com um documentário da rede de televisão CBS sobre a vida dele, que iria ao ar dentro de duas semanas e que, segundo se dizia, invadia a sua privacidade e chegava a especular sobre suas ligações com os chefes da máfia; estava preocupado com sua atuação num especial da NBC intitulado Sinatra - Um Homem e a Sua Música, no qual ele teria de cantar dezoito canções com uma voz que, naquela ocasião, poucas noites antes do início das gravações, estava debilitada, dolorida e insegura. Sinatra estava doente. (TALESE, 2004, p.257-258).

Em seu blog, o jornalista Djacir Dantas⁹ relata como se deu o processo, em que Talese após aceitar fazer a matéria sobre Frank Sinatra. Ele narra que Talese viajou para Los Angeles para encontrar Frank Sinatra, pois o editor da revista *Esquire* já havia confirmado uma entrevista com o Sinatra, porém durante seis semanas, o jornalista se viu completamente imerso na vida do cantor, que fez vários shows pelo país, contudo a entrevista nunca aconteceu. O resultado foi um artigo, publicado em abril de 1966, chamado *Frank Sinatra está resfriado*, um dos melhores perfis do cantor e que até hoje é tido como um modelo do New Journalism.

Talese conversou com algumas pessoas que de alguma forma faziam parte da vida de Frank Sinatra, a fim de saber como era seu temperamento e comportamento com os que o cercavam. A maioria das pessoas entrevistadas por Talese descreviam o cantor como generoso, porém genioso. Quando doente, Sinatra ficava de mau humor constante.

Em um trecho do texto, Talese faz comparações entre a doença que acometia o astro da música, com outras possíveis fatalidades para demonstrar como a voz do cantor era estimada e o quanto todos que de alguma forma se relacionavam com Sinatra saíram perdendo com a falta do principal instrumento de trabalho do artista.

Sinatra resfriado é Picasso sem tintas, Ferrari sem gasolina – só que pior... Pois o resfriado comum rouba-lhe aquela joia inestimável, a voz, mergulhando até o âmago de sua segurança, e afetando não só a psique, como também causando uma espécie de coriza psicossomática em dezenas de pessoas que trabalham, bebem, amam com ele e dele dependem para o seu bem estar e tranquilidade. Sinatra resfriado pode, de certo modo, causar vibrações que afetam toda a indústria de entretenimento e vão mais além. (TALESE, 2004, p.258).

Talese vai pincelando, como um artista que pinta uma tela em branco, o perfil de Frank Sinatra, mostrando nuances da personalidade do cantor, captadas pelo jornalista somente no ato de observar. Gay Talese consegue dar voz a quem em momento algum seria escutado. Foi essa capacidade do jornalista de ouvir atentamente que fizeram o artigo *Frank Sinatra está gripado* entrar para a lista das reportagens mais famosas da história do jornalismo.

Djacir expõe que Talese, ainda nos dias atuais, durante as entrevistas que concede, recebe perguntas a respeito do artigo que escreveu sobre o astro da música. No aniversário de 70 anos da revista, em 2003, o perfil escrito por Gay Talese foi eleito como “a melhor história publicado pela *Esquire*”.

⁹ Retirado de < <http://blogs.portalnoar.com/djacirdantas/frank-sinatra-esta-resfriado-parte-i/>>. Acessado em: 17/07/2016.

4.2 GAY TALESE

Gay Talese nasceu em 7 de fevereiro de 1932, na ilha de Ocean City, Nova Jersey. Filho de imigrantes italianos, sua mãe Catherine DePaolo Talese tinha uma loja de vestidos e seu pai Joseph Talese era alfaiate. Na escola, Gay Talese parecia mais velho do que realmente era. Muito em função de ser o único aluno a ir de paletó e gravata. Talese era um manequim para seu pai, uma forma de fazer propaganda de seus serviços como alfaiate. E, até o fim de sua faculdade o jornalista foi seu maior *outdoor*.

O menino acompanhava tanto o pai quanto a mãe no trabalho, sempre observava como seu pai trabalhava de forma impecável, além de escutar as conversas animadas entre os clientes e seu pai. E, a facilidade com que sua mãe conseguia persuadir suas clientes fazendo-as comprar os melhores vestidos de sua loja. Fato que ajudou a aguçar seu faro jornalístico desde cedo.

A loja era uma espécie de Talk Show que transcorria em torna da maneira sedutora e das oportunas perguntas de minha mãe; e mesmo quando eu mal chegava à altura dos balcões atrás dos quais eu costumava ficar ouvindo, comecei a aprender muita coisa que seria útil anos mais tarde, quando passei a entrevistar pessoas para escrever artigos e livros. (TALESE apud HAAS, 2009, p.25).

Já no ensino médio, Talese começou a escrever. Seu primeiro artigo foi sobre basebol quando tinha 15 anos, em 1947. Aos 18 anos, em 1950, conseguiu ingressar na Universidade do Alabama no curso de Jornalismo. Talese só conseguiu ser aceito em um curso superior por causa de seu pai, pois o mesmo insistiu com um influente médico da cidade (e cliente de Joseph) para interceder junto ao reitor da universidade.

Durante a Graduação em Jornalismo, Talese continuou a escrever sobre esportes no semanário da Universidade (tarefa que teve início ainda na escola). Ele tinha uma técnica de escrever de forma gentil, cheia de eufemismos, mesmo quando o time da Faculdade sofria uma derrota.

Entre 1955 e 1965 trabalhou no New York Times (cuja história narrou em *O reino e o poder*), em 1958 saiu da editoria de esporte, porém não parou de escrever sobre o tema. Foi desse modo que ele escreveu quase 40 matérias sobre Floyd Patterson, um pugilista peso pesado, famoso entre as décadas de 1950 e 1960. A partir de 1960, Talese se tornou colaborador de várias revistas, em especial a Esquire.

Sobre a época, ele afirma:

Eu queria frases como essas em meus textos de esportes, mas sabia também que não poderia escrevê-las. Eu era um jornalista esportivo, e não um ficcionista. No entanto, se conseguisse me aproximar o suficiente de alguns daqueles atletas que eu estava agora os conhecendo em Nova Iorque e os convencesse a confiar a mim e me fazer confidências, como tinham feito muito dos jogadores que havia conhecido no secundário e na universidade, quando costumavam ter pena deles e animá-los após cada derrota – eu era a Miss Lonelyhearts dos vestiários – talvez pudesse escrever reportagens pessoais factualmente corretas, mas muito reveladoras, sobre atletas de primeira linha e usando nomes reais, e depois conseguir que essas histórias fossem publicadas no convencionalíssimo “New York Times” [...] (TALESE, 2009, p. 15).

O jornalista e escritor é um dos mais talentosos praticantes do New Journalism (ainda que não goste do rótulo), estilo que combina as técnicas descritivas do romance com o realismo da não-ficção. Talese assim como Truman Capote, não usava qualquer aparato tecnológico, quer seja um gravador de voz, ou nem mesmo papel e caneta. Tudo era registrado em sua mente e posteriormente datilografado para o papel.

Em 1964, Talese começa a escrever os primeiros artigos para a revista *Esquire*, onde publica os perfis *Frank Sinatra está gripado* e *The Silent Season of a Hero*, sobre o jogador de baseball Joe DiMaggio. Em 1969, após colaborações para a revista *The New Yorker*, escreve seu primeiro livro, *O Reino e o Poder*, sobre o império de comunicação do New York Times.

Já na década de 1970, o jornalista escreve seu livro de maior sucesso de público e crítica, *Honra Teu Pai*, onde ele faz uma imersão na família de Joseph “Joe Bananas” Bonanno, mafiosos italianos residentes nos EUA. Em 1973, o escritor lança *Fama e Anonimato*, que reúne várias reportagens produzidas pelo autor ao longo dos anos, incluindo o perfil de Frank Sinatra.

Seu livro mais polêmico foi *A mulher do próximo*, de 1981, demorou nove anos para ser finalizado e descreve a mudança de comportamento e a liberdade sexual dos norte-americanos, antes da descoberta do vírus da Aids, entre as décadas de 1960 e 1970.

Em 1996, o jornalista e escritor acompanhou uma visita feita pelo campeão de boxer Muhammad Ali a Fidel Castro em Havana, Cuba, pela revista *The Nation*. Talese repetiu seu feito ao escrever sobre Frank Sinatra. Ele não entrevistou Ali, porém conseguiu escrever uma longa reportagem sobre o encontro do boxeador com Fidel. Talese considera essa, sua melhor reportagem.

Publicado em 2009, *A Writer's Life*, é uma autobiografia focada em suas histórias, desde os tempos da faculdade, até a carreira como jornalista que se seguiu. Recentemente Talese se envolveu em uma polêmica com seu novo livro *The Voyeur's Motel* (seria lançado em 2016), o livro narra a história contada pelo proprietário de um motel localizado em Denver, no estado do Colorado, EUA. O dono do motel alega ser um voyeur de seus hóspedes, afirmando inclusive, já ter presenciado um assassinato de uma mulher em um dos quartos. Um fragmento do livro foi publicado na revista *The New Yorker*, a fim de promover o livro, porém seu conteúdo polêmico gerou algumas dúvidas quanto a veracidade dos fatos citados.

Com a repercussão negativa, Talese resolveu voltar atrás e não apoiar mais o lançamento do livro, previsto para julho de 2016.

5. ANÁLISES ESTRUTURAIS

Neste capítulo, pretende-se elucidar as principais questões centrais deste trabalho de monografia. Uma das proposições deste TCC é analisar a construção do texto no New Journalism e esclarecer se existe um padrão nas produções do Novo Jornalismo. Como foco principal, temos o questionamento: o livro “A Sangue Frio”, do autor Truman Capote, retrata um padrão jornalístico do New Journalism? Todas as formas de produção desse estilo jornalístico podem ser enquadradas nesse modelo de “obra prima”?

Para essa análise será utilizado o livro “A Sangue Frio” em contraponto ao perfil de Frank Sinatra feito por Gay Talese. As investigações acerca dessa monografia se dão no objeto de análise (livro “A Sangue Frio”) em contraponto ao perfil de Frank Sinatra.

O livro foi escolhido como objeto por retratar a narração de um fato – o assassinato dos moradores de uma cidade do Kansas e as relações que se estabelecem entre o autor Truman Capote e os assassinos – ao invés de mostrar a produção de artigos sobre a vida de pessoas – biografias – como Gay Talese e outros autores faziam.

Nesse âmbito pretende-se, ao comparar duas obras diferentes entre si, explanar sobre a existência de um padrão de escrita desse estilo jornalístico.

5.1 A PRODUÇÃO NO NEW JOURNALISM

Para a análise das obras do New Journalism foi necessária uma intensa pesquisa acerca do “padrão comum” do estilo. Nesse aspecto, o presente resultado dessa pesquisa tem como proposta central apresentar parâmetros de análise para realização de inferências a respeito do movimento chamado New Journalism, que vem sendo objeto de análise desse trabalho de monografia.

Através da análise de conteúdo de diversas produções do New Journalism parâmetros particulares foram definidos em investigações realizadas pela autora e, inclusive, tendo sido publicado pela mesma o artigo “O New Journalism e sua estrutura: Discussões acerca de parâmetros de análise do Novo Jornalismo” no XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom Nacional, em coautoria. A publicação desse trabalho foi resultado de uma ampla pesquisa realizada sobre o tema, onde os autores desenvolveram seus parâmetros para análises do fazer jornalístico do

“New Journalism”. Esses parâmetros, intensamente pesquisados, serão utilizados para a análise das obras-objetos desse trabalho de monografia.

5.2 PARÂMETROS DE ANÁLISES DO NEW JOURNALISM

Após a apresentação dos conceitos sobre o New Journalism, principais autores e o movimento no Brasil, passamos agora aos parâmetros de análises. A compilação visa servir para análises universais de texto/publicações/produções do New Journalism em sua generalidade.

5.2.1 INEXISTÊNCIA DE DEADLINE

A inexistência de deadline é um dos principais parâmetros do New Journalism. Enquanto no jornalismo tradicional se preza pela rapidez das notícias, o New Journalism preza pela produção de um material de qualidade, além de geralmente ser mais aprofundado o tema. O jornalista-escritor deixa de estar preso ao tempo de produção e passa a oferecer ao leitor uma produção feita sem pressa.

5.2.2 LINGUAGEM CLARA (BEIRANDO O COLOQUIAL)

A linguagem clara e objetiva é utilizada pelo New Journalism. As produções são feitas baseando-se na linguagem clara e de fácil compreensão para o público leitor.

5.2.3 NARRATIVA EM PRIMEIRA PESSOA

O jornalista-escritor participa da notícia e da produção dela e deixa isso claro ao público leitor. Não expressa, necessariamente, o uso da primeira pessoa gramatical do singular (eu) ou plural (nós) para contar a história da narrativa; mas sim a inserção do jornalista-escritor na trama.

5.2.4 OPINIÃO

A opinião se faz presente na produção. Na reconstrução da notícia, o jornalista-escritor participa da ação e emite opinião ao público leitor.

5.2.5 RECONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA (CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA DA REPORTAGEM)

A reconstrução da história se dá passo a passo para a construção da narrativa. Em todos os momentos o jornalista-escritor se preocupa em criar uma “linha” que esclarece ao público leitor os fatos de forma clara.

5.2.6 RECUSA À OBJETIVIDADE

A recusa à objetividade é presente em todas as obras do New Journalism. Todos os autores que estão inseridos neste modo de fazer o jornalismo, produzem textos longos, e mais aprofundados; inclusive é considerado um dos parâmetros que motivou a criação desse estilo de escrita.

5.2.7 REGISTRO DE DIÁLOGOS COMPLETOS

O registro de diálogos completos se dá, também, devido ao espaço que o New Journalism cede aos jornalistas-escritores em virtude do jornalismo convencional.

5.3 O LIVRO “A SANGUE FRIO”

O livro *A Sangue Frio* é uma das obras primas do New Journalism. Como tal, ele reflete considerações importantes sobre o estilo. A seguir, destaca-se alguns trechos do livro para embasar as análises seguintes.

Situada ao fim de um longo caminho de acesso, uma alameda sombreada por duas alas de olmos chineses, a vistosa casa branca, erguida no meio de um amplo gramado bem cuidado, causava impressão em Holcomb; era um lugar que as pessoas gostavam de apontar. Quanto ao interior, havia extensões de tapetes felpudos cor de fígado que aboliavam a intervalos o brilho dos assoalhos encerado e ressoantes; um imenso sofá modernista na sala de estar, coberto por um pano rugoso e entretecido de fios cintilantes de metal prateado; uma copa usada para família tomar o café-da-manhã, onde se destacavam banquetas forradas de plástico azul e branco. (CAPOTE, 2003, p.18).

“O quarto de Nancy era o menor de todos, e também o de mais personalidade: um quarto de menina, claro e engomado como um saíote de bailarina...” (CAPOTE, 2003, p.72).

“O inesperado acontece, as coisas às vezes mudam.” (CAPOTE, 2003, p.47).

“Quando a hora chega, ela chega. Não adianta chorar.” (CAPOTE, 2003, p.78).

“Até o fim da vida, tem sempre alguma coisa esperando, e mesmo que seja uma coisa ruim, que você sabe que é ruim, o que você pode fazer? Não há como parar de viver.” (CAPOTE, 2003, p.98).

“Nada é mais comum do que sentir que os outros têm participação em nossos fracassos, assim como é uma reação comum esquecer os que tiveram participação em nossos sucessos.” (CAPOTE, 2003, p.146).

“Mas quando a multidão viu os assassinos, com sua escolta de policiais rodoviários de casaco azul, ficou em silêncio, como se espantada de constatar que os dois tinham forma humana.” (CAPOTE, 2003, p.247).

“A verdade pode ser brutal.” (CAPOTE, 2003, p.300).

“Vocês estão me mandando para um mundo melhor do que este jamais foi.” (CAPOTE, 2003, p.333).

Com a intenção de fazer o leitor entrar no romance reportagem, o autor descreve exacerbadamente, e com propriedade, cada personagem e cenário. Embora Truman não tenha conhecido os membros da família. Passa quase metade da obra mostrando os pormenores dos assassinos, das vítimas, de pessoas da cidade. Depois, relata como foi o assassinato brutal, revelando, posteriormente, os bastidores da prisão, do processo e finalizando com a execução dos culpados.

Para construir a narrativa da trajetória dos assassinos, Perry Smith e Dick Hickock, da cena do crime ao corredor da morte a que terminariam condenada a pena de morte, após cinco anos do assassinato da família Clutter, Truman Capote obteve a amizade e a confiança dos dois criminosos. Capote não deixou nada escapar de seu olhar investigativo. A rotina da comunidade, os derradeiros instantes de cada vítima, a repercussão e tudo o que envolvia o caso da família Clutter.

Após essas considerações iniciais, passa-se às análises dos parâmetros específicos.

- Inexistência de deadline

Em “A Sangue Frio”, nota-se que a inexistência de deadline está presente. Truman Capote levou, inclusive, seis anos para produzir a obra; o prazo inicial dado pela editora foi estendido. Não existia mais o “frenesi” pela notícia.

- Linguagem clara (beirando o coloquial)

No livro “A Sangue Frio”, Capote utiliza um linguajar claro e conciso para apresentar sua história. Não gerando qualquer tipo de confusão ou dúvidas à quem estava lendo a história. Conforme citado abaixo:

Dick certa vez observou: “Toda vez que vê um espelho você parece que entra em transe. Como se estivesse olhando para uma mulher muito gostosa. Meu Deus você nunca se cansa?”. Longe disso, Perry era fascinado pelo próprio rosto. (CAPOTE, 2003, p.25).

- Narrativa em primeira pessoa

Em “A Sangue Frio”, Truman Capote participa da notícia e deixa isso claro ao público. Inclusive, em suas técnicas de produção do livro ele cita o fato de interagir e decorar os diálogos com as pessoas entrevistadas, não utilizando gravadores nem papéis. O jornalista-escritor não utiliza o recurso da primeira pessoa gramatical do singular (eu) ou do plural (nós) com número expressivo de vezes; ele faz uso de outras marcações para estar presente na trama.

“E isso é tudo, literalmente. A menos que ainda contemos, como é justo contar, a escola de Holcomb, estabelecimento cuja beleza revela uma circunstância que a aparência da comunidade de resto camufla [...]”. (CAPOTE, 2003, p.13).

- Opinião

Em “A Sangue Frio”, o jornalista-escritor utiliza esse recurso para compor a imagem dos cenários, pessoas-personagens e, até mesmo, do clima de “cidade do interior” que ele quer descrever. A opinião muitas vezes ajuda na construção de ironias e outros recursos sarcásticos presentes na obra.

“Mas caso tivessem permitido que o Dr. Jones discorresse sobre a causa de sua indecisão, ele teria dito o seguinte: ‘Perry Smith exhibe sinais claros de doença mental grave. [...]’”. (CAPOTE, 2003, p.13).

- Reconstrução da história (construção da narrativa da reportagem)

Em “A Sangue Frio” o jornalista escritor constrói a narrativa da reportagem. No primeiro capítulo, ele disserta sobre a vida dos Clutter.

O proprietário da fazenda River Valley, Herbert William Clutter, tinha 48 anos de idade e, graças aos resultados de exames médicos que fizera recentemente para um seguro de vida, sabia estar em perfeitas condições de saúde. [...] uma moça tímida, religiosa e delicada chamada Bonnie Fox, três anos mais jovem que ele. Ela lhe dera quatro filhos – um trio de filhas e em seguida um menino. [...]. (CAPOTE, 2003, p.14-15).

Ainda descreve os dois viajantes, Perry Smith e Dick Hickock; ainda a descoberta dos mortos e o impacto do assassinato na cidade. No segundo capítulo, o jornalista-escritor conversa com pessoas conhecidas das vítimas e demonstra os assassinos em volta aos seus passados (claramente em conflitos pessoais).

Além disso, sua atitude em relação ao crime transformou aquela investigação, como ele diria mais tarde, numa “coisa pessoal”. Disse que ele e a mulher “Gostávamos muito de Herb e Bonnie”, e “víamos os dois todo domingo na igreja, e um casal visitava muito o outro”, e acrescentou: “Mas mesmo que eu não conhecesse a família, e não gostasse tanto deles, iria me sentir da mesma forma. [...]”. (CAPOTE, 2003, p.86-87).

No terceiro capítulo é desvendado o crime:

E Hickock disse: “Foi Perry Smith que matou a família Clutter”. Ergueu a cabeça, e endireitou lentamente o corpo na cadeira, como um lutador nocauteado que se esforça para reerguer-se. “Foi Perry. Não consegui fazer ele parar. Ele matou todo mundo.”. (CAPOTE, 2003, p.228).

E no último capítulo ele descreve a prisão, a sentença e a morte.

[...] eu não sei dizer quanta gente era, mas vou arriscar que eram várias centenas esperando para ver os rapazes que mataram a família Clutter. Eu mesma não conhecia nenhum dos Clutter, mas por tudo que tinha ouvido deles acho que devem ter sido boas pessoas. O que aconteceu com eles é difícil de perdoar, e eu sei que Wendle estava preocupado com a maneira como a multidão ia reagir quando visse Hickock e Smith. Estava com medo de que alguém tentasse acabar com eles. Então eu estava com o coração na boca quando vi os carros chegando, e vi os repórteres, todos os jornalistas correndo e empurrando; mas já estava ficando escuro, eram mais de seis da tarde, e fazia muito frio – mais da metade da multidão tinha desistido e ido pra casa. Os que ficaram não disseram nada. Só ficaram olhando. (CAPOTE, 2003, p.249).

Embora constem duas histórias que acontecem ao mesmo tempo: uma relacionada aos membros da família Clutter e os moradores de Holcomb, e a outra pautada na vida

dos assassinos. Capote consegue criar uma linha do tempo, na qual as histórias convergem para o mesmo fim. A construção da narrativa da reportagem possui um início, meio e fim para de que o leitor não se perca.

- Recusa à objetividade

Em “A Sangue Frio”, Capote utiliza essa recusa à objetividade ao construir um livro reportagem inteiro com uma notícia que poderia (e foi) ser descrita aos moldes da “comum” pirâmide inversa.

- Registro de diálogos completos

Truman, ao longo da construção do livro reportagem, conversou com diversas pessoas; tendo, inclusive, um capítulo do livro parcialmente dedicado à essas histórias contadas pelas pessoas. O jornalista-escritor presa pelos diálogos no livro a fim de construir uma imagem completa para o leitor gozar dos pormenores.

[...]. Podia ser Marie, ligando para saber se ele ainda estava no trabalho e se devia esperá-lo para jantar.

“O senhor A.A. Dewey, por favor. Ligação de Kansas City.”

“Aqui é o senhor Dewey.”

“Pode falar Kansas City. O senhor Dewey está na linha.”

“Al? É o Irmão Nye.”

“Pode falar, Irmão.”

“Prepare-se para notícias importantes.”

“Estou pronto.” [...]. (CAPOTE, 2003, p.195).

5.4 ANÁLISE DO ARTIGO DE GAY TALESE

O perfil de Frank Sinatra, feito por Gay Talese em 1965, pode ser considerado um marco no New Journalism, principalmente por até hoje ser lembrado como um dos melhores perfis publicados na revista Esquire.

Talese traça o perfil do cantor, conhecido também por Blue Eyes¹⁰, durante seis semanas, mesmo sem nenhum contato direto com Sinatra, Talese consegue estabelecer uma linha imaginária que vai conduzindo o leitor. A intenção do jornalista é mostrar como o cantor se comporta em seu círculo social mais íntimo. Gay Talese descreve com propriedade o comportamento de Sinatra, às vezes generoso, às vezes mesquinho.

¹⁰ Tradução: Olhos Azuis.

O jornalista e escritor também constrói um traçado indicando o porquê de Sinatra não conceder a entrevista, mostrando que o cantor estava preocupado em como faria sua apresentação especial para a NBC, juntamente com o documentário que seria lançado na CBS, sobre sua vida (e uma possível ligação com a máfia italiana). Ao longo do texto, Talese vai dissolvendo todos os pormenores, para chegar ao final em que Frank Sinatra já está reestabelecido de sua saúde e volta a pensar em sua carreira e próximos discos.

A partir dessas considerações iniciais, passa-se às análises dos parâmetros específicos.

- Inexistência de deadline

Em “Frank Sinatra está resfriado”, nota-se que a inexistência de deadline está presente. Gay Talese levou, inclusive, seis semanas para produzir a obra; o prazo inicial dado pela editora foi estendido. Nunca existiu o “frenesi” por não se tratar de uma notícia.

- Linguagem clara (beirando o coloquial)

No perfil “Frank Sinatra está resfriado”, Talese utiliza um linguajar claro para apresentar a história de Frank Sinatra. O jornalista-escritor utilizou algumas expressões em italiano. Como no exemplo a seguir:

Por um lado ele é gaiato – por exemplo, quando fala e brinca com Sammy Davis, Jr., Richard Conte, Liza Minelli, Bernice Massi, ou qualquer outra pessoa do *show business que senta à mesa*; por outro – quando balança a cabeça ou acena para os chapas mais próximos (Al Silvani, empresário de boxe que trabalha na companhia cinematográfica de Sinatra; Dominic Di Bona, o homem que cuida de seu guarda-roupas; Ed Pucci, ex-jogador de futebol que pesa mais de 130 quilos e é seu ajudante-de-ordens) – ele é *Il Padrone*. Ou, melhor ainda, ele é um dos que na velha Sicília seriam chamados de *uomini rispettati* – homens de respeito: homens que são ao mesmo tempo grandiosos e humildes, homens amados por todos e generosos por natureza, homens cujas mãos são beijadas quando vão de aldeia em aldeia, homens que saíam *pessoalmente* de seu caminho para consertar alguma coisa errada. (TALESE, 2004, p.264-265).

Mesmo usando essas expressões, não há um comprometimento quanto a compreensão do público, o texto não perde qualidade ao apresentar as palavras em outro idioma.

- Narrativa em primeira pessoa

Em “Frank Sinatra está resfriado”, Gay Talese participa da notícia e deixa isso claro ao público. O jornalista-escritor não utiliza o recurso da primeira pessoa gramatical do singular (eu) ou do plural (nós) com número expressivo de vezes; ele faz uso de outras marcações para estar presente na trama.

No trecho a seguir, pode-se notar uma das poucas vezes em que Talese faz uso da primeira pessoa (eu):

“Testemunhei algo desse lado siciliano de Sinatra no verão passado no Jilly’s, em Nova York, aliás a única vez em que vi Sinatra de perto antes daquela noite no clube da Califórnia [...]”. (TALESE, 2004, p.262).

- Opinião

No artigo “Frank Sinatra está resfriado”, o jornalista-escritor utiliza esse recurso para compor a imagem dos cenários, pessoas-personagens e, até mesmo, construir o clima do perfil que ele quer descrever. A opinião de Talese se baseia em observações feitas pelo escritor, ao acompanhar Sinatra de longe.

[...] O que mais chama atenção no rosto de Sinatra são os olhos, azul-claros e atentos, olhos que em segundos podem ficar gélidos de raiva, mostrar um brilho de ternura ou, como agora, uma expressão de indiferença que mantém os amigos calados e à distância. (TALESE, 2004, p.261).

- Reconstrução da história (construção da narrativa da reportagem)

Em “Frank Sinatra está resfriado” o jornalista escritor constrói a narrativa do perfil. Percebe-se, claramente, a construção de uma trama do perfil a fim de que o leitor não se perca na construção da imagem de Sinatra. Talese vai contando a história de forma linear, com início, meio e fim.

O jornalista primeiramente explana a doença de Sinatra, em seguida começa a desenhar o perfil do cantor e seus problemas de ordem pessoal, para no final apresentar ao público a resolução dos problemas e o reestabelecimento da vida de Frank Sinatra.

- Recusa à objetividade

Em “Frank Sinatra está resfriado”, Talese utiliza essa recusa à objetividade ao construir um perfil inteiro sem entrevistar a própria pessoa da qual está se contando a história de vida; não recorrendo assim aos moldes da forma “comum” de produção de um perfil.

O escritor discorre sobre cada detalhe que observa durante as seis semanas em que passou seguindo Frank Sinatra. Tudo é registrado e posteriormente diagramado na revista *Esquire*.

- Registro de diálogos completos

Gay Talese, ao longo da construção do perfil, conversou com diversos funcionários, pessoas próximas e amigos íntimos de Sinatra; tendo cedido bastante espaço ao diálogo que teve com essas pessoas. O jornalista-escritor presa pelos diálogos no perfil a fim de construir uma imagem completa para o leitor gozar dos pormenores da vida de Sinatra.

[...] Houve certo alvoroço na sala, e alguém disse: “Vamos, Harlan, vamos embora daqui”. Leo Durocher deu sua tacada e disse: “Sim, vamos embora”. Mas Ellison não saiu de onde estava. Sinatra disse: “o que você faz da vida?”. “Sou encanador”, disse Ellison. “Não, ele não é”, apressou-se em gritar outro jovem do outro lado da mesa, “Ele escreveu *The Oscar*.” [...]. (TALESE, 2004, p.268-269).

5.5 O PADRÃO DO NEW JOURNALISM

A partir dessas exposições de análises e inferências realizadas nas duas obras escolhidas como objetos desse trabalho de monografia, pode-se considerar que existe uma padronização nas produções do New Journalism. Ao compararmos as duas análises e ilações realizadas assim como os trechos destacados em ambas as produções verificamos muitas similaridades. Essas similaridades serão descritas e pormenorizadas abaixo.

- Inexistência de deadline

No que tange ao livro “A Sangue Frio”, nota-se que a inexistência de deadline está presente. Truman Capote levou, inclusive, seis anos para produzir a obra; o prazo inicial dado pela editora foi estendido. Não existia mais o “frenesi” pela notícia.

Já em “Frank Sinatra está resfriado”, nota-se que a inexistência de deadline está presente. Gay Talese levou, inclusive, seis semanas para produzir a obra; o prazo inicial dado pela editora foi estendido. Nunca existiu o “frenesi” por não se tratar de uma notícia.

Pode-se perceber que nos dois casos o deadline não existiu. As editoras também abriram mão de seu prazo inicial. O frenesi pelo resultado também não existia.

- Linguagem clara (beirando o coloquial)

No livro “A Sangue Frio”, Capote utiliza um linguajar claro e conciso para apresentar sua história.

No perfil “Frank Sinatra está resfriado”, Talese utiliza um linguajar claro para apresentar a história de Frank Sinatra. O jornalista-escritor utilizou algumas expressões em italiano.

Verifica-se que os dois autores foram claros quanto às suas escritas, apesar de Gay Talese utilizar algumas expressões em italiano (em concordância com a origem de Frank Sinatra) o entendimento geral não foi comprometido em nada. O aproveitamento do texto pelo leitor não foi prejudicado.

- Narrativa em primeira pessoa

Em “A Sangue Frio”, Truman Capote participa da notícia e deixa isso claro ao público. Inclusive, em suas técnicas de produção do livro ele cita o fato de interagir e decorar os diálogos com as pessoas entrevistadas, não utilizando gravadores nem papéis. O jornalista-escritor não utiliza o recurso da primeira pessoa gramatical do singular (eu) ou do plural (nós) com número expressivo de vezes; ele faz uso de outras marcações para estar presente na trama.

Em “Frank Sinatra está resfriado”, Gay Talese participa da notícia e deixa isso claro ao público. O jornalista-escritor não utiliza o recurso da primeira pessoa gramatical do singular (eu) ou do plural (nós) com número expressivo de vezes

“Testemunhei algo desse lado siciliano de Sinatra no verão passado no Jilly’s, em Nova Iorque, aliás a única vez em que vi Sinatra de perto antes daquela noite no clube da Califórnia [...]”

Nas duas obras do New Journalism, verifica-se que os autores participaram da notícia. No caso de Gay Talese ele faz questão de demonstrar em algumas passagens com o uso da primeira pessoa gramatical. Talese faz mais isso que Capote. Os dois jornalistas-escritores fazem-se presentes na trama.

- Opinião

Em “A Sangue Frio”, o jornalista-escritor utiliza esse recurso para compor a imagem dos cenários, pessoas-personagens e, até mesmo, do clima de “cidade do interior” que ele quer descrever. A opinião muitas vezes ajuda na construção de ironias e outros recursos sarcásticos presentes na obra.

Em “Frank Sinatra está resfriado”, o jornalista-escritor utiliza esse recurso para compor a imagem dos cenários, pessoas-personagens e, até mesmo, construir o clima do perfil que ele quer descrever. A opinião muitas vezes ajuda na construção de ironias e outros recursos presentes na obra.

Percebe-se, assim, que os dois jornalistas-escritores utilizam a opinião para compor as suas obras. Cenários, personagens e o clima das narrações são feitos utilizando a opinião como alicerce.

- Reconstrução da história (construção da narrativa da reportagem)

Em “A Sangue Frio” o jornalista escritor constrói a narrativa da reportagem. No primeiro capítulo, ele disserta sobre a vida dos Clutter. Ainda descreve os dois viajantes, Perry Smith e Dick Hickock; ainda a descoberta dos mortos e o impacto do assassinato na cidade. No segundo capítulo, o jornalista-escritor conversa com pessoas conhecidas das vítimas e demonstra os assassinos em volta aos seus passados (claramente em conflitos pessoais). No terceiro capítulo é desvendado o crime e no último capítulo ele descreve a prisão, a sentença e a morte. Percebe-se, claramente, a construção de uma narrativa da reportagem a fim de que o leitor não se perca.

Em “Frank Sinatra está resfriado” o jornalista escritor constrói a narrativa do perfil. Percebe-se, claramente, a construção de uma trama do perfil a fim de que o leitor não se perca na construção da imagem de Sinatra.

Nas duas obras é notória a construção da narrativa da reportagem como um fio condutor que leva o leitor onde o jornalista-escritor quer. Há de se destacar que a segunda obra é um perfil e, ainda assim, existe a construção de uma trama que gere o leitor pelos acontecimentos históricos.

- Recusa à objetividade

Em “A Sangue Frio”, Capote utiliza essa recusa à objetividade ao construir um livro reportagem inteiro com uma notícia que poderia ser descrita aos moldes da “comum” pirâmide inversa.

Em “Frank Sinatra está resfriado”, Talese utiliza essa recusa à objetividade ao construir um perfil inteiro sem entrevistar a própria pessoa da qual está se contando a história de vida; não recorrendo assim aos moldes da forma “comum” de produção de um perfil.

Mais uma vez, a semelhança se faz presente nos dois textos. A recusa à objetividade dos dois jornalistas-escritores faz com que as obras saiam de seus “locais comuns” de produção e se apresentem de formas diferenciadas.

- Registro de diálogos completos

Truman, ao longo da construção do livro reportagem, conversou com diversas pessoas; tendo, inclusive, um capítulo do livro parcialmente dedicado à essas histórias contadas pelas pessoas. O jornalista-escritor presa pelos diálogos no livro a fim de construir uma imagem completa para o leitor gozar dos pormenores.

Gay Talese, ao longo da construção do perfil, conversou com diversas pessoas; tendo cedido bastante espaço ao diálogo que teve com essas pessoas. O jornalista-escritor presa pelos diálogos no perfil a fim de construir uma imagem completa para o leitor gozar dos pormenores da vida de Sinatra.

E, para finalizar os parâmetros de análises e inferências no New Journalism, os jornalistas-escritores presaram por manter os diálogos completos em suas obras.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento do estilo conhecido como New Journalism não tem mais tantos adeptos quanto nos anos 50 e 60 nos Estados Unidos. As publicações que buscam outras formas de realizar o “fazer jornalístico” que não as convencionais, já não possuem tanta força nos dias de hoje. Estamos vivendo o tempo das redes sociais em que o jornalismo “compete” erroneamente com as notícias nas redes sociais. O deadline praticamente simultâneo ao fato e a falta de aprofundamento da informação são problemas que estão sempre presentes no jornalismo.

Porém ainda há autores que persistem no modo de escrita que caracteriza o New Journalism e resistem ao tempo como é o caso do jornalista e escritor Gay Talese, entre outros, nos Estados Unidos. No Brasil também encontramos alguns adeptos do que podemos chamar New Journalism, um exemplo é o repórter Caco Barcelos, que escreve diversos livros que se encaixam no estilo.

Através da pesquisa bibliográfica realizada nesse trabalho foi possível destacar algumas questões sobre o New Journalism e o seu modo de fazer jornalismo.

Na primeira parte do trabalho, foi pontuado o surgimento do estilo conhecido como New Journalism, onde o jornalismo e a literatura se misturam em vários aspectos. Porém se distanciam em um ponto crucial, enquanto a literatura pode criar, inventar e imaginar; o jornalismo se mantém fiel à verdade. Muito embora a forma de se escrever pareça um romance.

O New Journalism não possui um “fundador”, foi uma corrente espontânea que atingiu seu ápice nos anos de 1950 e 1960. O sonho de alguns jornalistas era conseguir publicar seu próprio livro de romance, muitos inclusive largaram a carreira como jornalista, para se dedicarem à literatura. Foram destacados alguns nomes importantes do New Journalism, nos EUA, que se encaixam nesse estilo de escrita, a fim de ilustrar melhor o tema.

No Brasil também tivemos uma participação mais modesta no New Journalism durante os anos 60. Muito se deve ao fato de que o país estava enfrentando uma Ditadura Militar que cerceou os meios de comunicações. Isso fez minar qualquer projeto de jornais e revistas, sobretudo publicações de cunho polêmicos. Os principais periódicos do estilo do New Journalism Realidade e o Jornal da Tarde sofreram censura em suas edições.

Porém, ao voltarmos na história do jornalismo brasileiro, vemos que muito antes de designarem o nome para o New Journalism, já existiam publicações que se encaixavam perfeitamente no estilo. É o caso do jornalista Euclides da Cunha, que foi correspondente durante a guerra de Canudos e posteriormente, escreveu um clássico da literatura brasileira chamado “Os Sertões”, é baseado nas terras secas do Nordeste, e vai traçando um paralelo com a vida dos sertanejos e, por fim, a luta do povo nordestino na guerra de Canudos.

Após as discussões iniciais do New Journalism e sua instalação e representação no Brasil, o presente trabalho destacou as produções de dois grandes expoentes do estilo: Truman Capote e Gay Talese. Suas obras, respectivamente, *A Sangue Frio* e *Frank Sinatra está resfriado*, serviram de objetos de análises para os parâmetros acerca do New Journalism e a realização de inferências no mesmo.

Fica destacado, também, o caso da família Clutter, que originou o livro que é objeto desse trabalho. O livro “*A Sangue Frio*” percorre toda a história do assassinato da família Clutter; do crime até a execução dos assassinos. A ideia do livro veio ao autor após Capote decidir escrever sobre fatos reais. “*A Sangue Frio*” foi publicado, originalmente, em quatro capítulos na revista *The New Yorker*, em 1965.

Os parâmetros de análises desse trabalho de monografia foram definidos por pesquisas e inferências. Para a análise das obras do New Journalism foi necessária uma intensa pesquisa acerca do “padrão comum” do estilo. Nesse aspecto, o presente resultado dessa pesquisa tem como proposta central apresentar parâmetros de análise para realização de inferências a respeito do movimento chamado New Journalism, que foi objeto de análise desse trabalho de monografia. Os parâmetros utilizados foram: Inexistência de deadline, Linguagem clara (beirando o coloquial), Narrativa em primeira pessoa, Opinião, Reconstrução da história (construção da narrativa da reportagem), Recusa à objetividade, Registro de diálogos completos. Todos eles foram amplamente discutidos no corpo do texto desse trabalho de conclusão de curso.

Após a realização de análises de conteúdo e inferências nos objetos de estudo dessa monografia (o livro *A Sangue Frio* e o perfil Frank Sinatra está resfriado) foram destacados alguns aspectos importantes. A partir dessas exposições de análises e inferências realizadas nas duas obras escolhidas como objetos desse trabalho de monografia, pode-se concluir que existe uma padronização nas produções do New Journalism. Ao compararmos as duas análises e inferências realizadas assim como os

trechos destacados em ambas as produções verificamos muitas similaridades. Essas similaridades serão descritas e pormenorizadas abaixo.

Quanto à *inexistência de deadline* pode-se perceber que nos dois casos o deadline não existiu. Os dois escritores tiveram total liberdade e flexibilidade do tempo para escreverem suas obras.

No tópico relacionado à *linguagem clara (beirando o coloquial)*, podemos constatar que os dois autores conseguiram criar um texto de fácil compreensão, mesmo para os mais leigos.

Em relação à *narrativa em primeira pessoa*, nas duas obras do New Journalism, escolhidas para este trabalho, verifica-se que os autores se inserem na notícia. No caso do artigo sobre o cantor Frank Sinatra, Gay Talese faz questão de demonstrar em alguns trechos com o uso da primeira pessoa no singular. Talese se utiliza desse artifício mais que Truman Capote.

Quanto à *opinião*, percebe-se que foi bastante utilizado nas duas obras do New Journalism. Os dois jornalistas-escritores empregam seus pontos de vista para compor as suas obras. Suas convicções servem para descrever desde cenários, personagens ao clima das narrações. Em muitos momentos nos textos, percebemos a presença de ironia diretamente ligada à opinião.

Pode-se destacar que no tópico de *reconstrução da história (construção da narrativa da reportagem)*, é inegável que as duas obras recorrem à construção da narrativa da reportagem como uma linha do tempo que ajuda o leitor a chegar onde o jornalista-escritor quer. Mesmo que o texto de Talese seja um perfil, ainda assim, existe a articulação do autor para conduzir o leitor pelos acontecimentos históricos.

No caso da *recusa à objetividade*, está claro que a semelhança se faz presente nas duas publicações. Com um texto mais longo e aprofundado dos dois jornalistas-escritores permitia que as obras não caíssem em “locais comuns” de produção e se apresentassem de formas individualizadas.

Quanto aos *registros de diálogos completos*, Truman faz bastante uso do recurso ao longo da construção do livro reportagem, pois o autor dedicou-se durante anos para conversar com diversas pessoas da cidade de Holcomb; e, para demonstrar sua gratidão aos moradores dedicou parcialmente um capítulo de seu livro a essas histórias contadas por essas pessoas. O jornalista-escritor preza pelos diálogos no livro a fim de transmitir uma imagem mais completa para o leitor gozar dos pormenores.

Gay Talese, ao longo do perfil que traçou de Sinatra, também registrou os diálogos tanto entre Sinatra e amigos, quanto com desconhecidos que o cantor encontrava. Desse modo, o jornalista conseguiu passar uma imagem mais completa da vida de Frank Sinatra, durante as seis semanas que o escritor o acompanhou em suas viagens. Os jornalistas-escritores optaram por manter os diálogos completos em suas obras a fim de passar mais credibilidade e também, para dar o tom de literatura nos textos.

Por toda a análise realizada acima é possível afirmar que o New Journalism possui um padrão de produção das suas obras que torna, inclusive, identificável o seu estilo textual.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPOTE, Truman. **A Sangue Frio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CARTA, Gianni. **Velho novo jornalismo**. São Paulo: Códex, 2003.

CZARNOBAI, André Felipe Pontes. **Gonzo – O Filho Bastardo do New Journalism**. Monografia de Graduação. UFRGS, 2003.

HAAS, Gabriela. **O Jornalismo Literário de Gay Talese: Uma análise de Nova York: A Jornada de um Serendipitoso**. Monografia de Graduação. UFRGS, 2009.

INSTITUTO GUTENBERG. **Novo Jornalismo: Truman Capote**. Boletim N° 20, Janeiro-Fevereiro, 1998. Disponível em: <<http://www.igutenberg.org/newjorna.html>>. Acesso em: 07/05/2016.

LESSA, Ivan. **Sangue quente no chicote**. In: CAPOTE, Truman. **A Sangue Frio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Registros breves para uma história futura do Jornalismo Literário**. Memória Portal ABJL. S/D. Disponível em: <<http://www.edvaldopereiralima.com.br/index.php/jornalismo-literario/pos-graduacao/memoria-portal-abjl/152-registros-breves-para-uma-historia-futura-do-jornalismo-literario>>. Acesso em: 08/05/2016.

LIMA, Raphaella Gomes de; ALMEIDA, Vitor Pereira; GUERRA, Márcio de Oliveira. **O New Journalism e sua estrutura: Discussões acerca de parâmetros de análise do Novo Jornalismo**. Anais do 39º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo, 2016.

OLIVEIRA, Priscila Natividade Dias Santos. **Radicalmente Chique: os procedimentos de extensão no New Journalism de Tom Wolfe, em Radical Chique**. Anais do 30º Congresso de Ciências da Comunicação. Santos, 2007.

PONTES, Diogo de Mendonça; BEZERRA, Ada Kesea Guedes. **A Notícia Pode Ser Você: do New Journalism ao Sensacionalismo**. Anais do 17º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. Natal, 2015.

RITTER, Eduardo. **John Hersey e os predecessores do New Journalism**. Artigo. PUCRS. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/jornal-alcar-7/john-hersey-e-os-predecessores-do-new-journalism>>. Acesso em: 08/05/2016.

S/A BRASIL. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Secretaria Especial de Comunicação Social. **New Journalism: a reportagem como criação literária**. Rio de Janeiro: A Secretaria, 2003.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **Abaixo o jornalismo bege**. In: WOLFE, Tom. *Radical Chique e o Novo Jornalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SOARES, Rosana Penha Figueiredo. **A influência do new journalism nas biografias escritas por jornalistas**. Anais do 28º. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, 2005.

SUZUKI JR. **Nem tudo é verdade, apesar de verdadeiro**. In: CAPOTE, Truman. *A Sangue Frio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TALESE, Gay. **Frank Sinatra está gripado**. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/aulasdejornalismo/frank-sinatraestaresfriadotextointegral-1-13064614>>. Acesso em: 08/05/2016.

TALESE, Gay. **Fama e Anonimato**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TALESE, Gay. **Vida de escritor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

VICTOR, Marília Valente. **As Estratégias de Veridicção em A Sangue Frio, de Truman Capote**: O Romance como Literatura Jornalística. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Franca, Franca, 2009.

WOLFE, Tom. **Radical chique e o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.